



A ‘TORCIDA’ DE FUTEBOL COMO PÚBLICO CONSUMIDOR NA LÓGICA DA COMUNICAÇÃO MASSIVA: A NARRATIVA DA MÍDIA

PAULO ROBERTO LEANDRO¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar os significados que a mídia impressa baiana atribuiu à torcida de futebol, na superação da idéia da antiga “assistência”. Tais referências são articuladas às necessidades de formação de um público consumidor de bens materiais e simbólicos, dentro da lógica da comunicação massiva. Para tanto, verificamos 23 edições dos jornais baianos “A Tarde” e “Diário de Notícias”, publicados nos anos 1930, período de transição do amadorismo para o futebol profissional. Utilizamos a teoria da tríplice mimese de Paul Ricoeur (1994) para proceder a análise das narrativas, tomando como pressuposto que a mídia reinterpreta e devolve ao imaginário coletivo o conjunto de características que os produtores de conteúdo absorvem da experiência do mundo compartilhado entre os sujeitos integrantes do ambiente do estádio de futebol.

Palavras-Chave: torcida, futebol, mídia.

As narrativas da mídia impressa trafegam em uma via de mão dupla na experiência da produção simbólica e cultural de longo alcance. Os autores destes textos tomam ao cotidiano características que constroem a vivência compartilhada das pessoas a partir dos índices de contextualização de determinada época em um espaço situado. Neste fluxo circular, no qual mídia e público se realimentam mutuamente, os jornalistas devolvem ao imaginário coletivo o material reprocessado em um mecanismo que poderia ser denominado de uma reinvenção para construção de perfis identitários.

Reportagens são publicadas para tornar os leitores informados deste diversos perfis que são construídos sobre o ambiente esportivo. As recordações históricas mais relevantes são pontuadas a partir do que os jornalistas entendem como atualidade². Estas narrativas reafirmam ou reconstroem no imaginário do público leitor as identidades dos clubes e do próprio público. É nesta perspectiva que se pode entender a mídia impressa como capaz de, em suas diárias edições, recuperar as tradições que de outra forma poderiam ser esquecidas em um passado a cada dia mais remoto.

¹ Doutorando no Programa Multidisciplinar de Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Ufba). e-mail: pauloleandro.jor@uol.com.br.

² TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo. Os valores-notícia**. Lisboa: Quimera, 2002. P. 186-2002

A mídia, portanto, opera no presente do presente com uma perspectiva de presente do passado, conforme a teoria do tempo de Santo Agostinho:

“O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem tempos pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes e presente das futuras”.³

A linguagem de fácil assimilação como forma de alcançar o maior público possível⁴ facilita a penetração nos mais diferentes extratos sociais. A construção da idéia de “torcida” de futebol se situa dentro deste universo, sempre, inevitavelmente, a partir de uma perspectiva presente sobre ocorrências passadas ou projeções de futuro.

O receptor das mensagens, dentro da lógica da comunicação, deixa de ser um mero consumidor de informações e símbolos para tornar-se capaz de iniciativa, a fim de tomar atitudes, dentro do processo comunicacional. A mídia, neste pressuposto teórico, deixa de ser mera transmissora de conteúdo que alcança um pólo extremo apático, passivo, pacato, que recebe e decodifica as mensagens de forma unânime e sem poder de reação.

O leitor também tem sua força, ao reinterpretar cada uma das mensagens que recebe. O consumo destas informações e a resistência ou reação ao processo comunicacional⁵ causa impacto também na emissão que passa a parametrizar seus conteúdos com a presunção que os saberes especializados dos profissionais de mídia impõe aos comunicadores.

Muito antes da atuação deste aparelho capaz de fazer a intermediação entre a chamada “realidade” e o público, ao qual comumente chamamos “mídia”, a primeira referência à idéia de “público esportivo” de que se tem notícia está no Livro XXIII da *Iliada*⁶, que narra em poemas os jogos fúnebres para Patroclo, organizados por Aquiles, um dos heróis da guerra em Ilion, também conhecida por Tróia, conquistada pelos gregos.

Há quem admita, no entanto, que os primeiros públicos esportivos se formaram ainda na origem da humanidade, quando os antepassados habitantes das cavernas começaram a diferenciar a natureza e a cultura, por força da necessidade de medir

³ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. P. 222

⁴ LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1987. P. 34-50

⁵ Para entender como se pode pensar a comunicação a partir da cultura, consultar MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª edição. Trad. Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. P. 272-346.

⁶ HOMERO. **Iliada**. São Paulo: Martin-Claret, 2006. P. 485-508

habilidades por meio da caça, da pesca e possivelmente de modalidades rudimentares, como o treinamento de tiro ao alvo, quando já se podia produzir armas à semelhança de lanças, ou mesmo a destreza para vencer, na luta corporal, os chefes de hordas vizinhas ou animais selvagens. Os integrantes destas tribos primitivas, na condição de espectadores destes espetáculos ancestrais, teriam formado o embrião do que se conhece hoje por público esportivo⁷.

Em uma idéia mais próxima da que entendemos hoje, o público tem como referência o agrupamento humano composto por cavalheiros e senhorinhas que assistiam, placidamente e bem instalados em carruagens situadas ao redor do campo, os gestos bruscos dos primeiros atletas da era moderna, em finais do século XIX e início do século XX⁸.

De tal sorte era este público socialmente valorizado que a expressão “torcida” teria aparecido pela primeira vez, ainda sem o impacto que adquiriu posteriormente, no ambiente de alta sociedade do estádio das Laranjeiras, pertencente ao elitista Fluminense Foot-ball Club, do Rio de Janeiro. Aparentemente inocentes donzelas bem-nascidas torciam pequenas fitas roxas, da cor do laço utilizado para dar suporte ao bermudão do então goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, daí a expressão originada do verbo que mudou o perfil do futebol no Brasil a partir do profissionalismo nos anos 1930⁹. Torcedor tornou-se a palavra que designa o “aficionado de um time de futebol” e torcida, o “grupo de espectadores de uma partida, adeptos do mesmo clube”¹⁰.

A crescente expansão do futebol e a ocupação do espaço social do esporte burguês por parte de trabalhadores negros e pobres foram inevitáveis em razão da necessidade de difusão do jogo como possibilidade de consumo para um mercado em formação, evidenciado pela expansão do rádio esportivo e capaz de alcançar as massas em um contexto marcado pelo analfabetismo¹¹.

No Rio, o Clube de Regatas Vasco da Gama representa bem este novo momento, por ter aberto as portas aos negros¹². Até os anos 1910, os trabalhadores só tinham

⁷ ALCOBA, Antonio. **Como hacer periodismo deportivo**. Madri: editorial Paraninfo, 1993. P. 19

⁸ PROTÁZIO, Fernando. **Um menino de 84 anos**. Salvador: [s.n.], 1983.

⁹ FRANCO, Hilário. **A dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁰ FACÓ, Jorge Alberto, e GOMES, Mário José de Souza. **Arte & manha do futebol**. Salvador: [s.n.], 1997. P. 144

¹¹ SOARES, Edileuza. **A bola no ar. O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus editoria, 1994. P. 29-42.

¹² SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. Coleção Tudo é história. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 33

acesso ao jogo inglês ao improvisar bolas com bexigas de boi costuradas com algum recheio ou artefatos produzidos a partir de meias e tecidos. Na Bahia, esta histórica missão de miscigenar o futebol coube ao Ypiranga Esporte Clube, que produziu o primeiro ídolo, o negro Apolinário Santana, famoso como Popó Baiano, um raríssimo exemplo de jogador homenageado com nome de rua, localizada no bairro do Engenho Velho da Federação, originado de um quilombo¹³.

A relação entre o futebol e a cultura, emergindo daí as mutações na forma de se perceber e construir a noção de torcida, enfatiza o seu perfil histórico em transformação no tempo e no espaço, como se pode depreender da interpretação das narrativas. O pensamento sobre a torcida e as variadas formas de referenciar o público mudam à medida que se migra de ambiente, do privado para o público, ou o inverso, e ainda conforme a posição social dos torcedores e suas condições de vida.

É possível constatar que a constituição de um aglomerado humano está em sintonia com a consolidação dos paradigmas de sua época. A própria idéia de público, que poderia ser chamado de “assistência”, “platéia”, “torcida”, “galera”, “hinchada”, passa a ser entendida como inseparável dos rastros que estas expressões permitem verificar, como vestígios fossilizados de tempos que se foram, mas permitiram a construção do presente da forma como aconteceu, além de viabilizar projeções para reinventar o fenômeno na dimensão que elaboramos mentalmente como o “futuro”, dentro da lógica da tríplice mimese de Ricouer.

Na teoria de Ricouer, a mimese I retém as representações de mundo enquanto na mimese III, situa-se a narrativa do tempo recomposto, onde situa-se o futuro reconfigurado. Mimese II faz a ponte, por ser a instância que liga mimese I, local das representações, à mimese III, onde se reelaboram os discursos. O cronista esportivo, no estudo em tela, é o mediador, e a produção do conteúdo que elabora, na mediação do fluxo dos tempos das mimeses, exerce o papel de condutora do imaginário e reconstrutora de realidades e valores vivenciados na experiência partilhada no ambiente dos estádios de futebol. O pesquisador, por sua vez, também estará na posição II da mimese, ao reinterpretar estas interpretações dos cronistas. Afirma Ricouer:

“Presente do futuro? Doravante, isto é, a partir de agora, comprometo-me a fazer isto amanhã. Presente do passado? Tenho agora a intenção de fazer isto, porque acabei justamente de pensar que... Presente do presente? Agora faço isto, porque agora posso

¹³ PIRES, Aloildo Gomes. **Popó, o craque do povo. A trajetória de Apolinário Santana.** Salvador: [s.n.], 1999. P. 126

fazê-lo: o presente efetivo do fazer atesta o presente potencial da capacidade de fazer e constitui-se como presente do presente”.¹⁴

No mundo contemporâneo, percebida da posição deste presente eterno, a questão da torcida só pode ser compreendida em um ambiente que se permita perceber de que forma estas variações cimentaram condutas socialmente aceitas, como se pode verificar, examinando as narrativas dos cronistas esportivos dos anos 1930, período em que se iniciaram os embates entre os principais clubes baianos, “Vitória” e “Bahia”, coincidindo com o início da era profissional do futebol brasileiro¹⁵. Fragmentos identificados nas narrativas dos jornalistas apontam para esta transição na qual a mídia reinventa a torcida de futebol, ao alterar o tratamento da idéia de público esportivo, antes associado à passividade e elegância.

A palavra assistência, para o nosso atual contexto, e para o contexto de determinados grupos, como os produtores de conteúdo esportivo massivos, traz um conjunto de significados que estão embutidos no conceito de assistência. Nossa tarefa é tentar reinterpretar, hoje, a que remete a idéia de assistência, que apareceu na cobertura do primeiro jogo entre Vitória e Bahia, publicada na edição do Diário de Notícias, do dia 11 de abril de 1932:

“Toda a assistência vibrava de ansiedade, até que, puxados por uma banda de música, os quadros se apresentaram em bella e garbosa parada, quando receberam muitas ovações”.¹⁶

Esta idéia de “público que assiste” pode ser associada à passividade, a um conjunto de pessoas que prestam atenção e reagem sem tanto alarde, conforme sugere o desempenho do objeto ao qual se assiste, no caso, a “parada” ou desfile dos clubes que disputariam um torneio da Liga Bahiana de Desportos Terrestres (LBDT), entidade que organizava as competições de futebol.

A assistência não se trata de um sujeito ativo, embora possa “vibrar”. Esta assistência vê, assiste, observa, verbos que sugerem passividade. O comportamento do público reforçava esta idéia de “assistência”, de passividade, de um corpo coletivo dócil e “educado”, no sentido de aplaudir ao espetáculo esportivo.

¹⁴ RICOUER, Paul. **A tríplice mimese. Volume I**, São Paulo: Papyrus, 1994. P. 96

¹⁵ TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão. Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Editora Annablume, 2004. P. 46

¹⁶ O Torneio Início de 1932 honra a história do “foot-ball” bahaino!, Esportes, **A Tarde**, 11 de abril de 1932.

A posição passiva, que não se explicita no texto, também se refere ao desenho corporal do público, que se supõe sentado nas lotadas arquibancadas de madeira do chamado “Campo da Graça”¹⁷, principal ponto de encontro dos futebolistas baianos no período. A narrativa do jornal *A Tarde*, para esta mesma cobertura, fortalece a idéia de uma assistência que colabora, que compreende, que se vincula a um contexto de forma tácita, obediente e companheira:

“...E do campo da Graça, se trouxe a impressão segura das possibilidades do “foot-ball” da cidade, que, hontem, galhardamente, ressurgiu, em voltar ao seu antigo posto de diversão predilecta do povo, conquistando-lhe, de novo, os applausos calorosos e lhe despertando o entusiasmo e vibração que somente emoções novas, fortes e bem sentidas são capazes de proporcionar”.

A inatividade da assistência não corresponde, portanto, à indiferença, pois aquele conjunto de indivíduos, inegavelmente, dá apoio ao evento esportivo, em “applausos calorosos”. Este agrupamento e, dentro dele, cada indivíduo, partilha determinados pressupostos para chegarem juntos ao resultado dos “applausos”.

Quem assiste, em uma prospecção de duplo sentido, também está auxiliando ou procurando auxiliar. Os “applausos” indicam esta função da assistência, no sentido de assistir, agora já não como sinônimo isolado de ver, mas de apoiar, colaborar, uma atitude deste público cordial que entusiasma-se com sua “diversão predilecta”, ao partilhar de expectativas básicas, quais sejam: apreciar a parada dos clubes que iriam disputar a competição; acompanhar os lances dos jogos e aplaudir o desempenho dos times, sem que a identificação clubística venha em primeiro plano; elogiar a organização da disputa, entre outras atribuições positivas que a narrativa dos jornais constrói para parametrizar e referenciar o comportamento deste público assistente.

Em um outro exemplo de narrativa da participação da platéia, em cobertura de jogo entre Vitória e Bahia, refere-se assim ao público ao comentar a atuação do time rubro-negro: “O ‘Victoria’ não atuou mal, teve momentos em que fez entusiasmar a assistência”¹⁸.

Esta perspectiva de parametrização do comportamento do público passa a trazer de maneira antecipada (presente do futuro), uma sugestão de seu desempenho, como se

¹⁷ LYRIO, Alexandre. Cenário de nostalgias. *Correio Repórter*, **Correio da Bahia**, 11 de novembro de 2007.

¹⁸ Uma victoria expressiva. Esportes, **Diário de Notícias**, 19 de maio de 1932.

pode perceber mais claramente na apresentação do Torneio Início da Liga do Bairro de Brotas em 1933:

“A exzellente festa que promete attrahir um publico numeroso e entusiastico, por que vae revelar os fortes quadros que compõem a referida agremiação, está interessando vivamente os círculos esportivos da terra”¹⁹.

Ora, esta promessa de atrair um “público numeroso e entusiástico”, traz em si, a certeza de que a assistência está mesmo disposta a comparecer, em uma projeção de futuro do cronista esportivo da época que exerce a função de um propagandista ou divulgador. Ele está antecipando uma presença de público que vai assistir a um espetáculo capaz de entusiasmar, uma assistência que vai, não só assistir, no sentido de ver, mas também assistir, na direção de apoiar e auxiliar o sucesso da programação esportiva.

Esta projeção remete para um conjunto de outros elementos e significados. Assistir diz respeito a situações sócio-econômicas e sócio-culturais de quem assiste e revela a necessidade de estímulo de um público consumidor do espetáculo esportivo que começa a se formar, graças à expectativa pela expansão de um mercado capaz de comprar jornais e ingressos de bilheteria, na transição do amadorismo para o profissionalismo do futebol, bens relacionados aos clubes e todo tipo de itens que hoje tornaram-se comuns em nosso cotidiano, mas que nos anos 1930, estavam ainda em fase gestacional.

O verbo “assistir” se associa também à expectativa de um bom espetáculo, em razão da crescente mercantilização, pois a pessoa que assiste, agora passa a ganhar o status de um consumidor. A crônica esportiva, por sua vez, exerce, para além da função informativa pautada na utopia da objetividade²⁰, a função de propaganda, como vimos anteriormente e se repete na edição de *A Tarde*, na apresentação do Torneio Início²¹ de 1934:

“A ansiedade reinante nos nossos círculos esportivos, por se assistir a um certame magnífico, além da justa curiosidade em se saber quaes os teams que os clubs apresentarão, tudo isso, além do attractivo social que esta festa encerra, contribuirá para o completo êxito do grande torneio, que será um acontecimento”²².

¹⁹ As festas de aniversário do decano. *A Tarde*, primeiro caderno. 15 de maio de 1933.

²⁰ AMARAL, Luiz. *A objetividade Jornalística*. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzatto, 1996. P.55-67.

²¹ O Torneio Início era uma competição de apresentação dos times, realizada antes do Campeonato Baiano. Disputados em sistema eliminatório, os jogos duravam 20 minutos, em vez dos 90 habituais.

²² A bellissima festa do Torneio Início. Esportes, *A Tarde*, 12 de maio de 1934.

Esta edição destaca ainda a abertura de mais uma possibilidade de público consumidor do futebol, ressaltando o caráter cada vez mais acentuado de uma torcida que se identifica com um clube, emergindo do contexto de uma assistência disposta apenas a bater palmas. A nova opção é referenciada no Galícia Esporte Clube²³, fundado por imigrantes espanhóis que não encontraram guarida nas agremiações baianas:

“Outra nota de destaque do programma, excelente por todos os títulos, será a estréia, no Campo da Graça, como grêmio da Liga Bahiana, do sympathizado “Galícia”, que reúne e congrega os elementos da laboriosa colônia espanhola, confraternizados com os bahianos nos laços da melhor amizade”.

Esta referência à cordialidade começa a ser superada pela rivalidade provavelmente como estímulo para atrair o interesse do público ao embate entre Vitória e Bahia um tom diferenciado, por conta de uma suposta dedicação extra dos rubro-negros no enfrentamento dos tricolores:

“Muita gente esperava que o “Bahia” fosse derrotado, além do mais, porque os rubros-negros de certo tempo para cá, embora percam pra outros conjunctos, actúam melhor contra elle, emprestando extraordinário brilho a esses encontros em que parecem lutar com mais ardor”.²⁴

Este novo sentido de rivalidade se fortalece na comparação do confronto a um “pequeno Fla-Flu”²⁵, em alusão à matriz de clássico estadual de grande porte criada pelo jornalista esportivo Mário Filho para o embate entre os times do Flamengo e do Fluminense, no futebol do Rio de Janeiro, centro cultural do país. O Fla-Flu, principal espetáculo esportivo da então capital federal, passa a servir de referencial para outros confrontos de grandes clubes nos demais Estados brasileiros. No entanto, não há qualquer justificativa técnica para considerar “um prelio ansiosamente aguardado” a partida entre o Bahia, “leader da tabella” e o Victoria, que estava em último lugar, pois o resultado não alteraria a posição dos dois clubes. O fragmento revela a necessidade que os cronistas passam a sentir cada vez mais intensa, de “vender” o espetáculo esportivo.

²³ FORTES, L.B. Cruzada Galega. **Folha Sete**, número 00. Salvador, 30 de julho de 1989. Inédito.

²⁴ De victoria em victoria, o S.C. Bahia vai ficando na vanguarda do campeonato da cidade. Diário Esportivo, **Diário de Notícias**, 27 de junho de 1936.

²⁵ Terminado o turno... Victoria e o Bahia num prélio ansiosamente aguardado. Esportes, **A Tarde**, 18 de novembro de 1938.

Os textos adquirem um tom promocional em adjetivos ufanistas e que constroem uma idéia de perfil épico nos encontros binários, nos quais o Vitória-Bahia ocupa seu lugar de destaque.

“O início da temporada de 1938”, na qual “o Victoria e o Bahia serão os preliantes de amanhã”, é anunciado com otimismo, graças ao detalhe do adjetivo “treinadas”, algo óbvio e que se espera de uma equipe, portanto desnecessário destacar, mas que ganha realce no momento em que o texto o ressalta para qualificar os “teams”:

“Com os encontros entre as treinadas (grifo nosso) equipes do Victoria e do Bahia terá início amanhã, no Campo da Graça, a temporada oficial de 1938, sob os auspícios da Liga Bahiana de Desportos Terrestres”²⁶.

O tom animado com que os cronistas passam a descrever esta assistência entusiasmada, ao anunciar a realização dos jogos, coincide com o momento de expansão do número de anunciantes nas folhas impressas, com a divulgação de tecidos como linhos e cambraias na Loja Mattos, raticida Virusatco, Drogaria Universo, Pharmacia Homoeopathica, Casa Atlas, especializada em sapatos, além de médicos e cinemas, entre outros produtos e serviços típicos da sociedade de consumo que começava a se fortalecer em Salvador, e dentro dela, os espetáculos massivos, como o “foot-ball”, a “diversão predilecta”.

As mudanças no conjunto do público, de acordo com as transformações da sociedade, impactam e são impactadas pelas narrativas dos cronistas esportivos, sinalizando a passagem da época da passividade da assistência dos “applausos” para a construção de uma assistência mais ativa, capaz de consumir os produtos. Cada vez mais, este público é estimulado a interferir na partida, com a substituição da “assistência” pela entrada na cena dos textos do substantivo “torcida”, cuja cauda de significados traz em si a capacidade de vibrar com intensidade, gesticular, aplaudir, mas também vaiar. Trata-se de uma participação ativa que o tornou um sujeito dos jogos a ponto de influenciar nos resultados em um ponto de superação do antigo paradigma do assistente cordial, pacato, “esportivo”, no sentido dos primeiros ideais gregos recuperados pelo neo-olimpismo do Barão de Coubertin e que demarcaram a construção do campo autônomo esporte²⁷ na era moderna, mas foram reorientados pelos princípios de mercado da sociedade de consumo, como se pode reinterpretar a partir da narrativa dos cronistas baianos dos anos 1930.

²⁶ O início da temporada de 1938. Esportes, **A Tarde**, 30 de abril de 1938.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1982. P. 163-207.

A narrativa das crônicas oferece os reflexos sobre os quais se analisa esta passagem, relacionando componentes discordantes e concordantes, para se observar pontos de ruptura, como se vê na mutação em tela neste período. É como um quadro dentro de uma cena que registra certas unidades entre espaço e ação. Este quadro se compara com outros quadros, que são as recordações históricas reconhecidas e partilhadas por todos, mas cujo sentido só se pode dar por meio da construção de um enredo.

A assistência concorda em determinado momento com a idéia de um certo comportamento de um corpo dócil que assiste a determinado espetáculo com uma série de elementos. Neste quadro, a assistência não xingava, depois a torcida passa a xingar, pois está pagando e exigindo por um retorno ao seu investimento financeiro.

Houve tempo em que era considerado deselegante gritar, emocionar-se, levantar-se no momento do gol, atitudes que, nesta época da pacata “assistência”, eram extremamente mal-vistas. A emotividade não era de bom tom, sentia-se como inapropriada, mas quando o público passa a ser tratado como consumidor do espetáculo, esta emotividade é valorizada.

O torcedor, já considerado numa perspectiva de cliente em busca do produto, precisa ser satisfeito para que volte a adquirir o ingresso, daí a cobrança por uma melhoria no espetáculo:

“...As pessoas, que foram assistir, ontem, à tarde, no Campo da Graça, ao amistoso entre as equipes do S.C. Bahia e S.C. Victoria, voltaram de lá duplamente decepcionadas, principalmente os velhos rubros negros”²⁸.

Outro indicativo da transição está no fato de A Tarde passar a publicar como informação relevante a renda dos jogos. O anúncio do remédio Atebrina, que “cura radicalmente o impaludismo entre 5 e 7 dias”, publicado com destaque, sinaliza também que a lógica de mercado havia chegado para ficar, pois os anunciantes ampliam sua importância no orçamento das empresas de jornais e A Tarde não poderia escapar aos efeitos desta estrutura que se impõe pela força das relações econômicas.

Já se percebe também uma maior preocupação com a prestação de serviços para facilitar a compra de ingressos, além de informar os horários das competições, com a fixação de um período de tolerância:

²⁸ O “amistoso” de ontem. Esportes, **A Tarde**, 9 de dezembro de 1939.

“Hoje, à tarde, na casa Barbosa, ao commercio, e amanhã até às 12 horas, na Agencia Linhares, estarão a venda os ingressos para o grande jogo. Horário dos jogos. Amadores, às 13 horas, com 30 minutos de tolerância. Profissionais, às 15 horas.”²⁹

O recurso de uma foto ocupando cinco das nove colunas, mostrando a disputa de um lance mostra, ao fundo, os torcedores no Campo da Graça. A legenda, texto que serve para descrever a imagem da foto, traz subjacente a necessidade de se oferecer mais conforto ao público consumidor do futebol. Na seqüência, a percepção do jornalista sobre a importância de se conceder aos jogadores, na mesma perspectiva, melhores condições para exercer o seu papel, como artistas que precisam de um bom palco para mostrar um espetáculo de mais qualidade:

“Vemos pela primeira vez o Campo da Graça inteirinho numa photographia panoramica, ahi estão as archibancadas e geraes apinhadas, maõ grado o pouco ou nenhum conforto que offerecem, para aplaudir os lances do jogo Bahia x Victoria, hontem alli disputado. O “team” do ultimo desses clubs está no centro do campo, cujas falhas de grammado, de nivelção, ou pelo seu pequeno tamanho, são o desespero dos nossos sportistas. A gravura, mostrando o que possuimos, não deixa mais dúvidas quanto à necessidade de construirmos já e já um stadium condigno” (Photo Ernesto)³⁰.

O recurso até então inédito de uma fotografia, para mostrar a precariedade do palco do espetáculo a ser vendido ao público, reforça o apelo para melhoria das instalações esportivas.³¹

A importância que os governantes concentram no futebol revela o sucesso da estratégia de oferecer ao público o entretenimento, “a diversão predilecta”, como vimos anteriormente, tornando o antigo jogo inglês uma boa aposta no sentido de manter as pessoas ocupadas com as rivalidades clubísticas. A cordialidade e a busca do entendimento mútuo, que estavam nas raízes do esporte da era moderna, foram superadas, talvez por serem sentimentos perigosos demais por favorecerem a união e a compreensão entre os trabalhadores que buscavam no estádio o local do entretenimento e poderiam, encontrar ali, um motivo de fortalecer sua luta por ideais em comum.

A lógica de mercado e a estratégia de poder do Estado encontravam-se nesta esquina da história em uma mesma perspectiva. A reinvenção da assistência como torcida afirma os valores de mercado como capazes de reorganizar a vida esportiva e

²⁹ A alma rubro negra contra a fibra do tricolor! Esportes, **A Tarde**, 22 de julho de 1939.

³⁰ Victoria, apesar de vencido, soube impor-se pela sua fibra, ardor e combatividade! Esportes, **A Tarde**, 24 de julho de 1939.

³¹ A Bahia terá um magnífico estádio. Esportes, **A Tarde**, 4 de novembro de 1938.

tem o apoio da classe política no poder interessada em evitar abrir o debate sobre temas centrais para a sociedade. A idéia de competição, tendo a vitória a qualquer custo como ideal supremo, dissolve as normas e agride a técnica da prática do jogo, uma vez que a violência e a pressão da torcida constituem o modelo de ação social.

Nos anos 1930, a assistência já não servia, por sua passividade excessiva, mas o modelo de torcida também já não atende, na contemporaneidade, por conta da violência intrínseca ao estímulo da rivalidade por parte da mídia massiva, como forma de contemplar a lógica de mercado, que hoje vê ameaçado o produto que ajudou a criar, a partir da festa do público esportivo.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- ALCOBA, Antonio. **Como hacer periodismo deportivo**. Madri: editorial Paraninfo, 1993.
- AMARAL, Luiz. **A objetividade Jornalística**. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzatto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1982.
- FACÓ, Jorge Alberto, e GOMES, Mário José de Souza. **Arte & manha do futebol**. Salvador: [s.n.], 1997.
- FRANCO, Hilário. **A dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo. Os valores-notícia**. Lisboa: Quimera, 2002.
- HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Martin-Claret, 2006.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1987.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª edição. Trad. Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- PIRES, Aloildo Gomes. **Popó, o craque do povo. A trajetória de Apolinário Santana**. Salvador: [s.n.], 1999.
- PROTÁZIO, Fernando. **Um menino de 84 anos**. Salvador: [s.n.], 1983.
- RICOUER, Paul. **A tríplice mimese. Volume I**, São Paulo: Papirus, 1994.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. Coleção Tudo é história. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar. O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus editoria, 1994.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão. Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

Periódicos

- FORTES, L.B. Cruzada Galega. **Folha Sete**, número 00. Salvador, 30 de julho de 1989. Inédito.
- LYRIO, Alexandre. Cenário de nostalgias. **Correio Repórter, Correio da Bahia**, 11 de novembro de 2007.
- A alma rubro negra contra a fibra do tricolor! Esportes, **A Tarde**, 22 de julho de 1939.
- A Bahia terá um magnífico estádio. Esportes, **A Tarde**, 4 de novembro de 1938.

A bellissima festa do Torneio Início. Esportes, **A Tarde**, 12 de maio de 1934.
As festas de aniversário do decano. **A Tarde**, primeiro caderno. 15 de maio de 1933.
De victoria em victoria, o S.C. Bahia vai ficando na vanguarda do campeonato da cidade. Diário Esportivo, **Diário de Notícias**, 27 de junho de 1936.
O “amistoso” de ontem. Esportes, **A Tarde**, 9 de dezembro de 1939.
O início da temporada de 1938. Esportes, **A Tarde**, 30 de abril de 1938.
O Torneio Início de 1932 honra a história do “foot-ball” bahaino!, Esportes, **A Tarde**, 11 de abril de 1932.
Terminado o turno... Victoria e o Bahia num prélio anciosamente aguardado. Esportes, **A Tarde**, 18 de novembro de 1938.
Uma victoria expressiva. Esportes, **Diário de Notícias**, 19 de maio de 1932.
Victoria, apesar de vencido, soube impor-se pela sua fibra, ardor e combatividade! Esportes, **A Tarde**, 24 de julho de 1939.